

# Poder Popular



Director: Eduardo Ferro Rodrigues Órgão do Movimento de Esquerda Socialista N.º 30 (Nova Série) 25 de Fevereiro de 1976 Preço 4\$00



## OFENSIVA REACCIONÁRIA *Até quando?*

***As massas respondem!***



**Organizar  
a resistēncia!  
Relançar  
a ofensiva!**

**ANGOLA**



**—derrota total  
do Imperialismo!**

# O P.C.P. (r) com maus métodos de crítica

O recém-constituído PCP (R) parece não ter aprendido totalmente as lições que a história do dogmatismo e do sectarismo na teoria e na prática das organizações arvoradas em únicas e verdadeiras representantes do proletariado português ensinou nos últimos anos aos comunistas no nosso país.

Assim, vícios velhos parecem subsistir na forma como o PCP (R) encara a luta ideológica, marxista-leninista, arrogando-se em vanguarda organizada da classe operária portuguesa. A pretexto da realização pelo MES de uma sessão pública em que intervieram algumas organizações revolucionárias estrangeiras, com as quais mantemos relações políticas de camaradagem (o que implica a prática da crítica e da autocritica comunistas), ataca o MES e essas organizações, com um argumento em que a mentira e a calúnia dão o braço a um ridículo paternalismo político.

Assim, diz o PCP (R) que o MES e as organizações estrangeiras presentes no nosso Congresso, querem criar uma no-

va «Internacional»; que essas organizações fizeram ataques caluniosos à China e à sua política externa; que nós e os nossos camaradas estrangeiros somos uma cambada de «neo-trotskistas», que tentam «confundir os revolucionários», «deter o ensinamento de partidos marxistas-leninistas no mundo», «separá-los do Partido Comunista da China», «deter o ensinamento de partidos marxistas-leninistas no mundo», «separá-los do Partido Comunista da China»; que estamos contra o papel dirigente do Partido leninista, contra o «grande Staline», contra «os grandes dirigentes comunistas dos nossos dias»; que as organizações estrangeiras que estiveram no nosso Congresso são uma «escumalha»; que as posições «neo-trotskistas» do MES «sabotam a luta das massas contra o fascismo, o imperialismo e o revisionismo». Parece-nos importante esclarecer os membros e dirigentes do PCP (R) (com os quais continuaremos a procurar a via da luta comum anti-fascista, anti-capitalista) sobre estas questões:

1.º) A criação de uma nova internacional, a edificação da Internacional Comunista, é um objectivo de todos os revolu-

nários de todos os marxistas, de todos os verdadeiros leninistas, para quem o internacionalismo proletário não é um slogan vazio, mas sim algo de muito concreto e importante para a libertação total dos explorados e oprimidos de todo o mundo. É evidente que a Internacional Comunista não nascerá do voluntarismo das organizações revolucionárias, podendo apenas ser constituída com base na solidariedade entre os Partidos Revolucionários de todos os países e não se confundindo com as relações de amizade institucionalizadas entre organizações comunistas que, lutando pela organização da vanguarda da classe operária não são nem se intitulam o Partido Revolucionário. Assim, quando se apresenta a luta pela edificação da Internacional Comunista como uma luta fundamental, isso não quer dizer que se considere que isso é uma tarefa para hoje ou para amanhã. Isso significa que na difícil luta que se trava não só em Portugal como noutros países contra o capitalismo e o imperialismo, contra os diversos reformismos e revisionismos, as relações de solidariedade internacionalista entre organizações comunistas (minoritárias, mas de crescente implantação e determinação revolucionária) são contributos importantes nas tarefas comuns. Tal nada tem a ver com a fraude trotskista de auto-proclamação da existência daquilo a que chamam «IV Internacional», que efectivamente nada tem a ver com a Revolução em nenhuma parte do mundo. Auto-proclamar a existência de uma Internacional Co-

munista sem base nem conteúdo real, é multiplicar por mil o erro infantil que ao nível nacional representa a auto-proclamação do Partido Comunista «verdadeiro», vício que não assenta no MES nem nas organizações com quem tem relações, mas do qual o PCP (R) é a imagem concreta.

2.º) É um facto que tanto o MES como algumas organizações estrangeiras com quem tem relações políticas de solidariedade internacionalista criticam alguns aspectos da política do Partido Comunista da China e do Estado Chinês. Para o MES, a política externa da República Popular da China é uma política oscilante, onde o apoio internacionalista à Revolução em alguns pontos do globo é muitas vezes acompanhado de posições contra-revolucionárias em relação a outros países. Com efeito, se é um facto a importância do apoio da China a processos revolucionários de libertação, como o coreano ou o vietnamita, é também real e concreto o apoio chinês à burguesia europeia (via Mercado Comum), aos fanticos da FNLA em Angola ou aos criminosos gorilas chilenos.

Essa política externa oscilante é uma imagem significativa das dificuldades que o Povo chinês atravessa nesta fase do seu processo revolucionário, de edificação e consolidação da ditadura do proletariado, bem expressas nas contradições internas do próprio P.C.C. (que curiosamente os m-l portugueses nunca abordaram na devida altura, mas só depois da estabilidade

política voltar — posição fácil e cómoda, mas que nada tem a ver com o marxismo-leninismo. Para o MES como para outras organizações revolucionárias, a crítica à política da República Popular da China, não são ataques caluniosos, mas sim parte integrante da luta pelo comunismo, contra a velha teoria dos Partidos-Pais, os «Estados Socialistas intocáveis» que conduziu a que o Revisionismo ganhasse terreno na URSS com grande força ao longo das últimas décadas, sem que os marxistas fizessem críticas correctas a tempo e horas sobre a evolução desse processo.

3.º) Quem tenta confundir os revolucionários são aqueles que apostam no misticismo e no dogmatismo ideológico como resposta, às necessidades teóricas e práticas do movimento operário internacional; são aqueles que iludem as massas, apresentando só elogios e veneração às experiências de edificação do socialismo, de construção da ditadura do proletariado noutros países são aqueles que endeusam figuras do movimento operário sem criticarem na sua prática aquilo que a história, que o Materialismo, já demonstraram terem sido erros enormes. Para o MES é tão incorrecto e anti-marxista falar do «Grande Estaline» como assentar em Estaline todas as responsabilidades por todos os males e desvios que o Movimento Operário tem sofrido nas últimas décadas. Para o MES, como para outras organizações revolucionárias, a análise da ascensão do revisionismo e do papel do estali-

mento são aspectos importantes para a prática comunista em Portugal como nos outros países.

4.º) O MES repudia a afirmação do PCP (R) de que as organizações estrangeiras nossas camaradas, que nos seus países se têm batido consequentemente (muitas vezes à custa do sangue de muitos dos seus militantes) contra o fascismo, o capitalismo e o imperialismo, sejam uma «escumalha neo-trotskista». O MES considera que o que sabota a luta de massas contra o fascismo, o imperialismo e o revisionismo é a prática sectária e arrogante, infantil e mecanicista, de organizações que não percebem que o corte com o reformismo se faz na teoria e na prática revolucionária, mandando para o caixote do lixo da história os métodos anti-marxistas de luta ideológica e política.

5.º) O MES quando aponta o caminho da unidade no combate comum contra os inimigos do Povo, age consequentemente com o que diz, procurando que essa unidade, independentemente das divergências existentes, se possa solidificar e aprofundar. Mas para a unidade ser real, é necessário clareza nas críticas, verdade nas afirmações e justa revolucionária nos princípios. Pensamos que a polémica entre organizações comunistas é importante, desde que assente neste métodos. Entendemos que as relações entre o MES e o PCP (R) se devem estreitar, sem mal-entendidos ou provocações. E bater-nos-emos por isso pois os interesses da resistência popular e da luta revolucionária assim o exigem.



## Poder Popular

F. meses 1000 00  12 meses 2000 00   
apoio 400 5 00   
estrangeiro Europa 5000 00

Nome \_\_\_\_\_  
Morada \_\_\_\_\_  
Profissão \_\_\_\_\_

Jornal semanal — todas as 4.ª-feiras

Propriedade do Movimento de Esquerda Socialista

Administração - Redacção Av. D. Carlos I - 128, Lisboa telefone 66 26 83

Composição e impressão Renascença Gráfica, S.A.R.L. Rua Luz Soriano, 44 - Lisboa

2 Poder Popular

# República Popular de Angola

## A DERROTA DOS NOSSOS INIMIGOS

A vitória do MPLA contra a agressão imperialista é uma enorme vitória das forças de libertação nacional e, ao mesmo tempo, do internacionalismo militante. Vitória, que o MES sempre considerou como certa, sendo o apoio ao MPLA, como aos outros movimentos de libertação, um ponto fundamental da nossa luta e da nossa prática política.

A derrota infligida à grande coligação imperial-racista, aos seus fantoches angolanos e aos seus cúmplices portugueses, derrota de enormes consequências históricas, é um marco decisivo para a libertação do continente africano e factor importante para a alteração da correlação de forças a nível mundial.

Do mesmo modo, o reconhecimento por Portugal da RPA constitui uma fragorosa derrota para as forças contra-revolucionárias do nosso País, que tudo fizeram para evitar a vitória do MPLA e que jogam a fundo no sentido de impedir o Povo angolano de aceder a uma independência total e completa. As claras posições que foram obrigados a tomar relativamente ao reconhecimento da RPA, a forma vergonhosa como este reconhecimento acabou por verificar-se, não só puseram a nú a natureza do Poder dominante no nosso País, como a grande força de que dispõe esse Poder quando estão em jogo opções decisivas. Ao mesmo tempo, mostraram até que ponto terão ido as manobras e acções dessas forças e dos seus agentes, ao longo de todo o processo de descolonização de Angola, a favor dos interesses do imperialismo.

Neste momento histórico, em que os militantes do MES saúdam o Povo angolano e o seu movimento de libertação, como saúdam também as forças progressistas e revolucionárias que, praticando um internacionalismo militante, contribuíram para a vitória alcançada, é uma boa altura para se fazer um rápido balanço da luta de libertação de Angola, das suas incidências no processo político em Portugal e do que foram as nossas posições e as nossas batalhas em relação a essa luta.

Assim:

— Contra aqueles que, como tantos militares pseudo-revolucionários do extinto MFA, gabaram com fanfarronadas a excelência de uma descolonização «exemplar», o MES sempre se empenhou em mostrar as grandes contradições verificadas ao longo de todo o processo de descolonização — reflexo das próprias contradições a nível interno — bem como as fortíssimas influências que o imperialismo nunca deixou de exercer, tanto abertamente (encontro Spínola/Nixon e Spínola/Mobutu, por exemplo), como da forma mais subtil e encapotada (viagens de Soares e Carneiro, pressões e chantagens de Carlucci, Willy Brandt, Giscard d'Estaing, etc.).

— Contra aqueles que, como o PS, começaram por envolver uma máscara de condescendente simpatia em relação à independência das colónias, mas cuja prática política desde cedo veio a revelar um claro envolvimento nas manobras contra a independência de Angola, o MES empenhou-se num constante trabalho de denúncia, de modo a evitar que trabalhadores e antifascistas pudessem ser enganados.

— Contra aqueles que, como tantos elementos militares e civis dos sucessivos Governos, proclamavam intenções de estrita isenção no conflito angolano — a «neutralidade activa» de triste memória — o MES constantemente denunciou na medida em que lhe foi possível, os actos de cumplicidade para com os movimentos fantoches, as sabotagens à luta



do povo angolano, praticados tanto na sombra das chancelarias, dos Ministérios e dos Estados-Maiores, como no próprio terreno da luta.

— Contra aqueles que, como o PCP, manifestando um apoio exuberante ao MPLA, se recusaram a colocar esse apoio em termos militantes ao nível da luta de massas, o MES sempre se esforçou no sentido de tornar efectiva a solidariedade das lutas de angolanos e portugueses contra o imperialismo e a opressão e exploração capitalistas.

— Contra aqueles que, como os «Nove» e seus apaniguados, propagandearam uma política externa pomposamente chamada terceiro-mundista, na qual as relações com as ex-colónias teriam um papel privilegiado, o MES sempre sustentou que tais relações só seriam possíveis no quadro de uma aliança entre um Poder revolucionário em Portugal e as novas nações empenhadas num processo radical de transformação social e política. A situação precária das relações com as ex-colónias aí está a confirmar a justeza das nossas posições.

— Contra aqueles que defenderam os acordos de Alvor como a via adequada para a constituição do Poder numa Angola independente, e que fizeram desses acordos a base da sua política, o MES sempre interpretou tais acordos como um compromisso tático imposto ao MPLA pela correlação de forças, interna e externa, ao tempo existentes. Do mesmo modo, sempre sustentamos que à base desses acordos era inviável uma real independência para Angola e que portanto a solução assim encontrada teria necessariamente um carácter transitório.

— Contra aqueles que, como a UDP e grupos que se reclamam do marxismo-leninismo, trocaram a solidariedade internacionalista por uma fidelidade cega à política externa da China, no caso de Angola abertamente traidora das lutas de libertação, o MES sempre sustentou que os apoios da URSS e de outros países não impediam um claro não alinhamento da política angolana em relação à política dos blocos. Ainda mais: o MES considera que o apoio militante do povo cubano à luta anti-imperialista do MPLA abre uma nova fase do internacionalismo proletário, ultrapassando as relações entre estados e assumindo uma nova dimensão histórica que exprime com clareza a solidariedade das lutas contra a exploração e a opressão capitalistas em qualquer parte do mundo.

— Contra aqueles que, como o PS, o PPD e o CDS têm instrumentalizado os retornados com vista a captar-lhes os votos nas suas manobras eleitoralistas, o MES tem afirmado que os retornados não formam um bloco único: se aqueles que explo-

ravam ou oprimiam os povos das colónias não têm muito justamente lugar nas novas sociedades em construção, muitos outros são trabalhadores, tratados como brinquedos pela propaganda reaccionária e vítimas daqueles mesmos que se arvoram em seus protectores.

— Contra aqueles que, como o PCP e certos militares, dizem ser incorrente e contraditória com «os ideais do 25 de Abril» a atitude do VI Governo face ao problema do reconhecimento da RPA, o MES tem constantemente demonstrado a clara coerência desta atitude com a política de classe desse mesmo Governo e a sua posição de inteira submissão aos interesses imperialistas; como tem igualmente provado que o Movimento do 25 de Abril não visava exactamente a libertação dos povos das colónias (o que implicava uma aliança que nunca existiu com os movimentos de libertação), mas apenas o fim da guerra colonial. Efectivamente, as forças

## Poder Popular

No quadro da nova divisão do trabalho ao nível de direcção o Comité Central do Movimento de Esquerda Socialista, eleito no 2.º Congresso recentemente realizado decidiu encarregar o camarada Ribeiro Mendes de novas e mais importantes tarefas na nossa organização. Deste modo resolveu também o Comité Central responsabilizar o camarada Ferro Rodrigues pela direcção e reestruturação do nosso jornal «Poder Popular».

que têm procurado impor, ao longo de todo o processo político pós-25 de Abril, um programa de restauração do capitalismo, são as mesmas que têm defendido as ligações às potências imperialistas e as mesmas que se empenharam a fundo nos acordos com os partidos fantoches no Alvor.

Finalmente, de acordo com a linha que sempre defendeu, o MES não considera encerrada a luta anticolonial: o povo de Timor-Leste luta nas montanhas pela sua independência, conduzido pela Fretilin, o seu movimento de libertação. Mas não só: a luta anticolonial dos militantes do MES é apenas uma frente da grande luta contra o imperialismo. E esta luta continua na ordem do dia.

Lisboa, 23 de Fevereiro de 1976.

A Comissão Política do Comité Central do Movimento de Esquerda Socialista.

# Já vale outra vez a pena ser fascista...!

Sob a capa de substituição dos perigosos conjurados do perigosíssimo e contra-revolucionário golpe do 25 de Novembro para instalar uma nova ditadura os vencedores do verdadeiro golpe de 25 de Novembro — o da burguesia — instalam-se no poder. Homens como Ramalho Eanes, Souto Cruz etc, o único socialismo a que poderão conduzir-nos é ao nacional-socialismo.

Os sociais-democratas de esquerda (Nove, PS's de esquerda), que aos olhos dos observadores menos atentos, pareciam os detentores do poder após o 25 de Novembro, estão em posição cada vez mais difícil, fortemente contestados e progressivamente isolados. Depois de servirem de porteiros à burguesia mais autoritária, começam a deixar de lhe fazer falta. Portela Filho, ex-director do «Jornal Novo», é exemplo típico.

Ao mesmo tempo que vai ficando claro que em 25 de Novembro só houve um golpe — o da direita fascizante — e portanto se vai tornando insustentável manter presos os oficiais progressistas e revolucionários

acusados de golpe de esquerda, assistimos a uma clara escalada dos fascistas, que pouco a pouco se apoderam de novo dos lugares perdidos no seu aparelho de estado, nos seus mecanismos económicos, nos seus órgãos da informação, nas suas forças armadas.

Dos jornais deste ano (1976), recolhemos substancial quantidade de factos, e notámos a ausência quase total de notícias acerca do regresso dos antigos patrões de muitas empresas, que se preparam para retomar as suas funções (e os seus lucros). Desde a imposição de condições para o regresso até à completa dominação ideológica dos trabalhadores (sem nós as fábricas não funcionam), assiste-se a tudo. O caso da textil Manuel Gonçalves é bem conhecido. Os ex-patrões da Grão Pará, Sernache, e muitas outras já regressaram do Brasil. Para a administração da Martins e Rebelo o Governo nomeia dois membros da família. O banqueiro Pinto de Magalhães prepara o regresso: pensa que já há condições para domesticar

as comissões de trabalhadores. O próprio Champalimaud, autêntico vendedor de Portugal ao imperialismo já diz que estamos no bom caminho para «o regresso à normalidade».

No campo militar, os oficiais spinolistas recuperam os lugares perdidos. Assim, assistimos ao louvor de Pires Veloso feito por Spínola, no órgão do MDLP (Comércio do Porto), e à reitegração discreta e progressiva dos oficiais reaccionários implicados no 11 de Março nas suas unidades (doze, desde o princípio do ano), e libertação da quase totalidade dos restantes, incluindo (fins de Janeiro), os coronéis Rafael Durão e Moura dos Santos, ex-comandantes da base de Tancos e da base aérea n.º 3, respectivamente, que foram as unidades mais directamente implicadas no golpe.

Chegam a lugares chave alguns tenebrosos personagens já nossos conhecidos depois do 25 de Abril: Leonel Cardoso, homem de confiança da FNLA, seu laço fiel enquanto altó-comissário em Angola, é hoje vice-chefe do Estado-Maior da Armada. Melo

Egídio, o famigerado patrão do AMI, é nomeado adjunto do Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, completando assim o lindo ramalhete que já lá existia, destinado a enquadrar Costa Gomes, em quem a direita não tem confiança.

Na informação, o pa-

norama é assustador. Publicam-se e difundem-se com a maior das calmas jornais e revistas que nada ficam a dever ao boletim do ELP, como o «Tempo Novo» e a «Resistência». Os jornais do Estado, à excepção do «D. P.» lembram os de antes de 25 de Abril, e

como se não bastasse, todos os dias surgem novos pasquins, rivalizando entre si as honras de mais à direita. A cabeça encontramos o «Retornado», que já se dá ao luxo de louvar claramente coloniais-fascistas incontestados como Kaulza de Arriaga e Daniel Roxo.

Continua na pág. 10



A sagrada família de novo connosco?

## Quem joga no terror?

Que a direita avança, é coisa conhecida de todos que sentimos diariamente nos jornais, na rua. Muitos são os exemplos de desmandos cometidos por «forças da ordem», de roubos feitos com o apoio do Governo, de «injustiças» realizadas nos tribunais.

Mas é necessário que não nos fiquemos pelas «bocas» que não nos limitemos a denunciar abstractamente, que nos apoiemos sempre nos casos concretos, para que não fiquem dúvidas.

A história que a seguir contamos é exemplar. Encontrámo-la no «Fuso», jornal do Sindicato dos Trabalhadores Textéis, Lanifícios e Vestuário do Sul, e transcrevemo-la na íntegra. Perguntamos — como responder à violência reaccionária, sobretudo quando ela vem das «forças da ordem»?

### ACONTECEU NO SINDICATO

Quinta-feira, dia 11, quatro indivíduos entram no átrio da nossa sede; no Conde Redondo, em Lisboa, lendo as inscrições e cartazes que aí temos colocados.

Três saíram de novo, enquanto um restante permaneceu no edifício.

Ao saírem um destes três, diz para o que fica: «é pá, deixa lá isso e vamos embora...», mas aquele enquanto os seus companheiros ficavam à porta no exterior, põe-se a rasgar furiosamente o cartaz em que colocáramos recortes da Imprensa diária sobre o MPLA.

A porteira, ao ver aquele espectáculo, tenta telefonar pelo comuni-

cador interno para a direcção, mas o homem, ao dar por isso, impede-a violentamente de o fazer chamando-lhe: «sua vaca, sua filha da mãe...», o que é que julga que vai fazer...».

Após tudo isto e aos gritos da porteira, os dirigentes, empregados e trabalhadores do sector, que se encontravam no interior do Sindicato, chegam ao local. O homem foge, mas com o testemunho da porteira, consegue-se apanhar os que com ele tinham entrado no nosso prédio, em conversa amena.

Identificámo-los: eram **policías da esquadra de Santa Marta** e um deles era subchefe!

Fomos à esquadra com os ditos agentes da ordem onde estes negaram estar feitos com o quarto homem, aquele que rasgou o cartaz e ofendeu a porteira.

Estas coisas acontecem. Toda a gente tem de saber que elas acontecem e o que significam estas constantes provocações. Da outra vez foram os «Comandos». Desta, quem foi?... Terão sido mesmo policías da Segurança Pública? Os guardas negam sequer com hecer o que de entre eles foi o autor dos desmandos.

O Sindicato vai recorrer judicialmente. Vai queixar-se à justiça, desta grave ofensa de que mais uma vez foi vítima. A porteira vai queixar-se também.

Mas terá sido um acto dum grupo de policías, ou não? Ou um acto da Polícia? O caso está a andar e por isso nós não devemos fazer mais considerações, antes que alguma coisa se prove. Mas, se foi a Polícia, valerá a pena queixar-mo-nos... à Polícia?



# Sadimar, transportes Barateira e Matos e Martins

Os trabalhadores das firmas: «SADIMAR», «TRANSPORTES BARATEIRA», e «MATOS E MARTINS» ocuparam hoje as suas instalações

Estas três firmas pertencem ao grande explorador Sérgio Pintado que apesar de decorridos quase dois anos após o 25 de Abril, continua a comportar-se como autêntico fascista. Ordenados miseráveis, retroactivos por pagar, despedimentos, suspensões — tudo tem feito para negar o pão a cerca de vinte famílias

Numa reunião de horas no Ministério do Trabalho, entre trabalhadores, sindicatos e patrão, este chegou ao ponto de alcunhar aqueles que explora de estúpidos, carneiros e cobardes, demonstrando assim o respeito que tem por quem trabalha

Depois de esgotados todos os meios para estabelecer um bom ambiente de trabalho nas três empresas e garantir pão aos trabalhadores e porque não restava mais nenhuma solução, estes decidiram-se pela ocupação das empresas

Apelamos à população de Setúbal, a todos os trabalhadores, comissões de trabalhadores e sindicatos o seu incondicional apoio

Os trabalhadores dizem «BASTA!»

Sérgio Pintado é um patrão «à antiga». Para ele os trabalhadores são máquinas que têm uma única utilidade: dar-lhe lucros.

Por isso Sérgio Pintado não está disposto a preocupar-se com os direitos daqueles que explora.

Quando à readmissão de três trabalhadores (um despedido, um suspenso e outro com um processo disciplinar — dois deles da comissão de trabalhadores...), não estava disposto!

Quando a pagar os re-

troactivos em atraso... a questão arrastava-se e não havia meio...

Quanto à organização do controlo operário... nem pensar nisso!

Entretanto a situação das três firmas ia piorando. «O dinheiro que havia já ele tirou de cá» — explicam os trabalhadores. «Ele preparava-se para fechar a casa de mobílias — tinha até tudo em saldo».

Face a tudo isto os trabalhadores entenderam que «já BASTA!».

«Resolvemos ocupar a empresa e tomar conta disto! Antes que ficássemos todos no desemprego».

Os trabalhadores sabem que vão ter grandes dificuldades, até porque a situação financeira das empresas é má. Mas pensam conseguir manter os seus empregos e estão firmemente decididos a ir para a frente.

Quanto aos patrões, e aos planos que andará tramando: «não levará a melhor!» — garantem os trabalhadores «A delegação de Setúbal do Ministério do Trabalho deu-nos razão. E nós não estamos dispostos a ceder!»

Prá frente, camaradas!

Todos os revolucionários estão convosco!

CONTRA OS DESPEDIAMENTOS  
UMA SOLUÇÃO A  
OCUPAÇÃO PELOS  
TRABALHADORES

## querem restringir os direitos dos trabalhadores da função pública?

Os trabalhadores do Instituto Nacional de Estatística reunidos em RGT ao tomarem conhecimento dos debates e intervenções na Assembleia Constituinte sobre os direitos dos trabalhadores da função pública expressam a seguinte posição:

1. Enquanto por um lado o projecto em apreciação afirmava que os «funcionários e agentes gozam dos direitos laborais e sindicais dos trabalhadores»; por outro, agita-se a aplicação de um «regime específico da Função Pública». As posições assumidas na Constituinte mostram a evidência que se prepara a consumação na «lei fundamental» da negação dos seus direitos de organização, associação, reunião e sua livre expressão.

2. Como os demais trabalhadores, os funcionários públicos não devem submeter-se a condições de excepção e reivindicam os mesmos direitos sindicais e laborais dos restantes trabalhadores, aliás já consagrados na prática pelas suas conquistas.

Assim: repudiam veementemente e denunciam todas e quaisquer restrições que venham a ser introduzidas na Constituição, restringindo as suas liberdades como trabalhadores.

Moção Aprovada em Reunião Geral de Trabalhadores em 17/2/76.

O SECRETARIADO  
DA COMISSÃO DE TRABALHADORES



# Sessão de esclarecimento na TAP

A convite da Comissão de Trabalhadores, o Movimento de Esquerda Socialista foi à TAP fazer uma sessão de esclarecimento.

No passado dia 19, no refeitório daquela empresa, três camaradas do Comité Central da nossa Organização falaram sobre a situação política actual, as tarefas da classe operária e do Povo trabalhador na organização da resistência popular, a necessidade de lutar pela libertação imediata de todos os antifascistas e revolucionários presos e responderam a perguntas que lhes foram feitas no período de debate que finalizou a sessão.

Os trabalhadores da TAP, principalmente desde o 25 de Novembro, es-

tão a sofrer uma grande ofensiva reaccionária, de que são expressão numerosos panfletos do CDS e do PPD, com uma linguagem digna dos tempos do Caetano, ofensiva esta que visa desmobilizá-los da luta contra os poderosos interesses imperialistas que minam aquela empresa.

Os caminhos da divisão são os caminhos que as forças reaccionárias percorrem para enfraquecer os trabalhadores e tentar aproveitar, quer o terreno que forças ditas de esquerda, como o MRPP, lhes proporcionaram através do trabalho que realizaram ao longo de alguns meses na TAP.

Por isso, o tema cen-

tral das intervenções dos nossos camaradas foi o da unidade da classe operária e da classe operária com os trabalhadores seus aliados. Essa unidade deve forjar-se no imediato na luta contra o repressão que a burguesia faz e vai continuar a fazer abater-se sobre os trabalhadores e as conquistas que arduamente conseguiram. Mas, esta unidade não é a embrulhada que os reformistas propõem, é, antes, uma unidade com princípios que permite, por um lado, aglutinar vastos sectores de trabalhadores em torno da classe operária e, por outro, manter o papel dirigente desta nesse bloco.

Os temas da democracia e da liberdade foram também abordados. Os nossos camaradas des-

mistificaram a demagogia que a burguesia e os seus partidos fazem com estes temas. As bandeiras da democracia e da liberdade só podem ser arvoradas pelos que lutam pelo Socialismo, a caminho da sociedade sem classes pois, só então, a democracia e a liberdade existirão pois não haverá exploradores nem explorados. A liberdade de que a burguesia fala é a de continuar a explorar a classe operária e o povo.

Mas, a luta pelo Socialismo não é uma luta abstracta. Ela tem caminhos bem precisos e, numa primeira fase, desemboca na instauração da ditadura do proletariado, forma de Estado, em que os operários e os trabalhadores destroiem o po-

der de classe da burguesia e constroem a sua própria democracia, o Poder Operário e Popular, que significa a máxima democracia para esmagadora maioria da população e a máxima ditadura sobre a infima minoria exploradora e opressora. Os camaradas defenderam a necessidade da construção do Partido Revolucionário de Classe Operária, como instrumento fundamental para atingir os objectivos anteriores. O Partido Revolucionário da Classe Operária é expressão da unidade e autonomia da classe operária e seus interesses e é garantia da sua hegemonia no seio do Poder Popular.

No final, houve perguntas sobre a posição do MES face às eleições, sobre a via do Poder Po-

pular para a instauração da ditadura do proletariado e construção do Socialismo e sobre questões concretas já anteriormente abordadas, tais como a Reforma Agrária, o controlo operário, o horário de trabalho nacional e outras.

O Movimento de Esquerda Socialista, particularmente os camaradas da célula da TAP, consideram que, embora o fundamental se jogue na actividade militante em torno das lutas concretas dos trabalhadores, esta sessão contribuiu de algum modo para o esclarecimento dos trabalhadores e, portanto, para a desmistificação das posições burguesas e reaccionárias, que certos caciques por lá andaram a impingir.

# MOBILIZAÇÃO DE MASSAS



A manifestação de sexta-feira, pela libertação dos revolucionários presos, constituiu uma grande jornada de luta contra a repressão capitalista e o avanço da direita.

Face ao desanimo e desmobilização que a vitória da burguesia em 25 de Novembro produziu nas massas trabalhadoras, esta jornada adquire um significado particular — a mobilização de massas contra a repressão e dominação da burguesia veio mostrar que a luta continua com toda a energia.

O 20 de Fevereiro constituiu uma importante vitória para todos quantos lutam contra o fascismo e o capitalismo.

Uma lição há que retirar desde já — a necessidade de prosseguir e desenvolver o trabalho unitário e a cooperação entre as várias forças revolucionárias ultrapassando o sectarismo e o oportunismo, unindo os seus esforços na luta para reorganizar a ofensiva popular e apelar a direcção reformista (que aliás progressivamente se desmascarou prosseguindo — e cada vez mais desesperadamente — a sua política de namoro aos sociais-democratas do P.S.)

«Morte ao fascismo e a quem o apoia», «fascistas para a prisão, revolucionários libertação», «o povo não quer merce-

nários nos quartéis» foram palavras de ordem gritadas com raiva por muitas dezenas de milhares de pessoas, ao longo do percurso, da Praça do Comércio a S. Bento.

Al chegados, houve rápida concentração, tendo intervido o Comité de Luta de Setúbal e um elemento do CLARP, entidade organizadora. Em S. Bento os manifestantes eram aguardados pelas figuras grotescas dos gorilas do «Novo Estado», embulhados em gordos coletes verdes à prova de bala, enfeitados com viseiras e escudos, munidos de capacetes, cacetes, espingardas, etc. Mostravam bem o longo caminho percorrido desde o golpe reaccionário de 25 de Novembro até hoje.

Fascistas e reaccionários ocupam hoje os lugares-chave da hierarquia militar e do aparelho de Estado. «Pides» e fascistas são soltos por «insuficiências de provas», ao mesmo tempo que são presos os principais responsáveis pelo derrube do fascismo. A rádio e a TV voltaram às mãos dos antigos donos e vomitam as maiores enormidades — caluniam as lutas dos trabalhadores e louvam a bondade e competência dos exploradores, realizando a função que lhes compete de intoxicar a opinião pública, de enganar os trabalhadores.

O processo iniciado em 25 de Abril é hoje acusado precisamente de... ter sido revolucionário!

O Governo de Azevedo lá vai, também ele, desempenhando o papel que lhe foi distribuído pela burguesia — congela a contratação colectiva e sobe os preços. Assim pretende anular as vantagens que os trabalhadores conquistaram ao longo de dois anos de duras lutas. Ao mesmo tempo vai promovendo o regresso dos antigos patrões.

A direita encaminha neste momento a sua acção para as eleições, onde afirma que vai obter resultados favoráveis — conta com maioria absoluta? Com apoio do PS?

Entretanto, pelo sim pelo não, joga pelo seguro — se os resultados não lhe agradarem, tudo indica que despirá a máscara democrática... e para isso vai tomando posições...

Por tudo isto é tarefa fundamental de todos os revolucionários mobilizar os trabalhadores, organizar a resistência, travar o avanço da burguesia e relançar a ofensiva de massas.

Por tudo isto a jornada do dia 20 constitui um marco importante na luta dos explorados e oprimidos contra a repressão e a violência reaccionária.

Camaradas,

Estamos aqui hoje, como no 25 de Abril estivemos às portas de Caxias, para exigir que os antifascistas sejam libertados.

Porque é que estão presos os militares antifascistas? O seu único crime foi terem apoiado a luta que os soldados travavam nos quartéis e a que o Povo desenvolvia nas ruas, nas fábricas, e nos campos. As liberdades democráticas conquistadas em alguns quartéis, chamaram os reaccionários indisciplinados. Que indisciplinados, camaradas? Era os soldados comerem da mesma comida e nas mesmas instalações que os oficiais.

A indisciplinados era os soldados poderem reunir-se e discutir os seus problemas.

A indisciplinados, camaradas, era os soldados defenderem os moradores pobres que ocupavam casas vazias, era levarem comida aos operários da construção civil em greve!

A indisciplinados, camaradas, era os soldados participarem activamente na luta antifascista, manifestando-se como qualquer

## •• Intervenção do CLARP

outro trabalhador!

A indisciplina era os soldados terem voz mais activa, nas decisões mais importantes!

A indisciplina era sobretudo os soldados recusarem-se a vir para a rua metralhar o povo como hoje fazem a PSP, a GNR, e os comandos.

A disciplina que o 25 de Novembro quis repor é o embrutecimento político dos soldados, a repressão de qualquer direito democrático nos quartéis. Foi uma situação idêntica a esta que permitiu que os soldados servissem de carne para canhão na guerra colonial assassina.

### O POVO NÃO QUER MERCENÁRIOS NOS QUARTÉIS!

Hoje, os reaccionários querem afastar os soldados do convívio com o Povo. Querem impedir que os soldados tenham vida política. A política fica reservada para os senhores oficiais de patente que não só a fazem todos os dias, como até vão ouvir cursos de política da boca de secretários-gerais de vários partidos.

À sombra do 25 de Novembro, assiste-se hoje a coisas que já não pareciam possíveis depois do derrube do fascismo. O à-vontade dos fascistas chegou a tal ponto que se diz que o famigerado jornal «Tempo Novo», ilegalizado desde o 28 de Setembro, reaparecerá dirigido pelo mesmo Hipólito Raposo que foi o autor dos cartazes da «maioria silenciosa» e promotor dessa sinistra manifestação. De resto, cada vez mais se escreve e fala nos órgãos de comunicação social como se estivessem em 24 de Abril de 1974. O lambe-botas oficial do regime caetanista, sr. João Coito aparece agora à frente do jornal diário «O Dia». Fala-se na candidatura à Presidência da República do nazi Kaúlza, o tal que era mais fascista que o próprio Marcelo. Os pides são postos na rua aos 30 e 40 por semana e agora já nem é a pretexto de serem simplesmente escriturários. No rol, até já entram os cabecilhas da fuga-libertação de Alcoentre, al-

guns deles directos responsáveis de massacres em África. Se nós o permitirmos, qualquer dia assistiremos à libertação do Silva Pais, camaradas!

— FIM, JÁ, AO TERRORISMO FASCISTA!

Depois do 25 de Novembro, o desanimo e a apatia atingiram largas

volucionários, todos eles figuras de 1.º plano no 25 de Abril, tem um significado profundo: o que os reaccionários querem é prender o 25 de Abril, é acabar com as conquistas dos trabalhadores. É dever de todos os que lutam para que o povo português seja livre, exigir a imediata libertação e reintegração nas Forças Armadas dos antifascistas presos.

### Mensagem dos revolucionários presos no presídio de Santarém

Companheiros:

Mais uma vez, o povo encontra-se na rua, lutando de cara descoberta e com as suas armas, a razão e a justiça, por um futuro de decência e de paz. Mais uma vez, o povo encontra-se na rua, protestando contra o avanço da direita que ameaça a liberdade e a democracia e nega impunemente o socialismo.

Nesta óptica, é que aceitamos o movimento popular que reclama a nossa libertação.

A nossa libertação só foi ou será possível porque o povo se recusou a aceitar na repressão totalitária, o espectro do fascismo.

A nossa libertação é paradigma de que ainda neste país o povo trabalhador faz cumprir a sua vontade, apesar das medidas antipopulares decretadas com o objectivo de intimidar.

Por isso, amigos, animados pela certeza de que a vitória é certa, cumpramos o nosso destino colectivo, unidos sem sectarismos deformadores dos objectivos essenciais, vencendo a batalha presente contra o fascismo, camuflado na demagogia alienante dos vendidos vendedores da Pátria.

Com o povo trabalhador e seus aliados, o nosso abraço solidário, fraterno e militante. UNIDOS VENCEREMOS!

camadas antifascistas. No entanto, de algum tempo a esta parte, reacende-se a chama da luta antifascista.

As manifestações de rua contra a carestia de vida, a greve dos trabalhadores do comércio pela negociação do C. C. T., a manifestação de protesto contra o comício fascista do CDS, as lutas operárias contra o regresso de patrões sabotadores, a luta dos agricultores da Beira Litoral contra as medidas reaccionárias do ministro Magalhães Mota, são indícios claros de que está de novo viva a disposição para a luta. O povo português não quer o fascismo e a miséria e mostra-se capaz de lhes fazer frente.

A prisão de Otelo e de todos os camaradas re-

### LIBERDADE PARA OTELO E TODOS OS REVOLUCIONÁRIOS

A luta pela libertação dos antifascistas que é apenas uma parcela da luta geral do povo contra a repressão, contra a carestia e o desemprego e pela defesa das conquistas populares, conseguiu já que várias correntes e organizações progressistas, associações sindicais e populares, comissões de trabalhadores e de moradores aderissem ao CLARP ou às suas iniciativas.

Este é um pequeno mas importante passo para conquistar a unidade de todos os que estão dispostos a lutar sem tréguas contra o fascismo. Em torno dos objecti-

vos que se propõe o CLARP, é possível unir largos sectores do povo. Esses objectivos são amplamente sentidos e, por isso, constituem um passo importante na unidade antifascista do nosso povo que foi destruída pelos seus inimigos. É preciso agarrá-la, camaradas! Não deixemos que políticos burgueses ou falsos amigos do povo nos impeçam de forjar essa unidade. Foi com alegria que soubemos da decisão do Comité de Luta dos Sindicatos do 17 de Janeiro, que desconvoceu um comício que, a ser mantido, só servia a divisão das massas trabalhadoras.

Acusam-nos de andarmos a instrumentalizar militares. Acusam-nos de termos um comportamento antidemocrático. Acusam-nos de pretendermos criar a anarquia e a desordem.

Camaradas: Quem é que instrumentaliza militares? Seremos nós, que lutamos pela libertação de antifascistas, que lutamos pelas liberdades?

Não, camaradas. Quem instrumentaliza militares são os reaccionários e fascistas que todos os dias pegam numa das suas marionetas de serviço para ela vir aos jornais, rádio e televisão, lançar insultos sobre as lutas dos trabalhadores e preparar caminho para a repressão. São os mesmos que nos comícios dão vivas ao fascista Jaime Neves.

Quem é antidemocrático, camaradas? Seremos nós, que nunca parámos na luta contra o

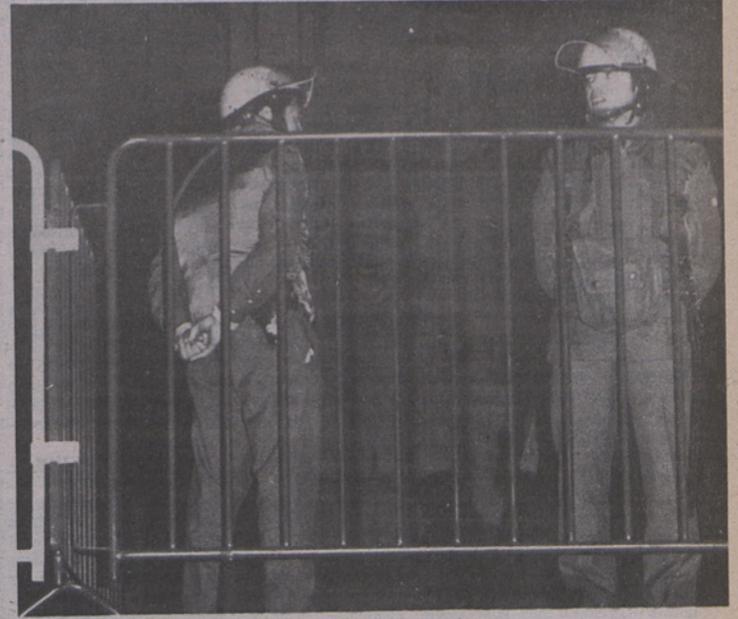
fascismo? — Não, camaradas! — Antidemocráticos são aqueles que soltam os criminosos da PIDE, os sabotadores económicos que impõem o regresso dos patrões exploradores.

Quem é que cria a anarquia e a desordem, camaradas? Seremos nós todos, antifascistas, que hoje demos bem a prova do nosso espírito revolucionário com a ordem e disciplina revolucionárias desta grande manifestação? — Não, camaradas! Quem cria a anarquia e a desordem são os bombistas do ELP e do MDLP, são os reaccionários que escrevem artigos incitando à vingança nos jornais fascistas, são as forças repressivas policiais que dispõem a matar contra o povo. São as forças repressivas que desrespeitando as suas próprias leis, invadem com grande aparato bélico, herdades e cooperativas onde os trabalhadores pacificamente se esforçam por construir um futuro melhor.

### MORTE AO FASCISMO E A QUEM O APOIAR!

É necessário que todos os antifascistas se unam como uma só pessoa, exigindo a libertação imediata do general Otelo e dos outros antifascistas.

Foi para lutar por esses objectivos que hoje desceram à rua milhares de pessoas. Essa luta prosseguirá até à vitória final. O povo conquistará a liberdade para todos os revolucionários presos!



# Contra o fascismo e a repressão!



## NAS ESCOLAS

## hã que organizar a resposta ao avanço da direita

A actual ofensiva da burguesia visando restaurar os instrumentos que possibilitem a instauração de um regime autoritário de fachada democrática, que assim garanta o continuar de uma sociedade corrupta de opressão e exploração, passa não só pelos ataques às principais conquistas operárias e populares, mas também pelo ataque noutros campos (escolas, informação, etc.).

É assim que assistimos à actual ofensiva da burguesia, das forças reacţionárias nas escolas.

As conquistas alcançadas pelos estudantes e professores progressistas:

— a gestão democrática;

— a avaliação colectiva de conhecimentos;

— o eliminar do espírito individualista;

— o saneamento dos professores reacţionários;

— a ligação da Escola ao movimento popular;

— os conteúdos progressistas de muitas matérias, etc..

Não sendo conquistas anticapitalistas irreversíveis, são no entanto conquistas que dificultam o por as Escolas a funcionar da maneira que a burguesia necessita e mais gostava, ou seja:

— o aumento da selecção;

— o autoritarismo repressivo nos métodos de ensino;

— os estudantes não discutirem as lutas dos trabalhadores;

— o fechar as escolas mais «incómodas» com a abertura simultânea de outras que possibilitem a produção de técnicas necessárias à manutenção da exploração nas fábricas e nos locais de trabalho.

Medidas essas que são essenciais à burguesia para se manter no Poder, já que as Escolas com todas as ilusões de ascensão social que criam nos estudantes, desempenham um papel de particular relevo na adesão da pequena-burguesia ao projecto da classe dominante.

É assim que podemos compreender que o MEIC não actua sozinho. Efectivamente forças há que no interior das escolas arrastam e manipulam amplas massas estudantis (principalmente liceais) no sentido de não só garantirem a aplicação de tais medidas mas igualmente no sentido de dificultarem a actuação das forças antifascistas e revolucionárias, numa tentativa de expulsarem elementos progressistas das Escolas.

Face a esta situação é fundamental as forças

revolucionárias darem uma resposta consequente que passa por:

A) LUTAR CONTRA A RECONVERSÃO CAPITALISTA DA ESCOLA.

Luta essa que passa neste momento pela:

— defesa da autonomia pedagógica e financeira das Escolas.

— defesa da gestão democrática das escolas e das reuniões de massa como instâncias de decisão.

— defesa dos métodos colectivos de avaliação de conhecimentos.

— combate a todas as tentativas do MEIC na criação dos alicerces do sistema futuro (Universidade Nova, Escola de Pedagogia, etc.).

— combate ao discurso ideológico da burguesia, contra a introdução de currículos reacţionários, e por defesa dos planos de estudo progressistas.

— defesa do direito de reunião e associação nos liceus e escolas superiores onde as forças fascistas o impedem.

B) UNIR OS REVOLUCIONÁRIOS NAS ESCOLAS.

Fela criação de estruturas unitárias de base que reúnam os elementos revolucionários existentes em cada escola, quer organizados partidariamente, quer independentes, capazes de levarem para a frente posições e acções numa perspectiva antifascista consequen-

te, aglutinando à sua volta e dirigindo uma franja importante de estudantes e professores dispostos a solidarizarem-se activamente com os trabalhadores na drfesa das principais conquistas populares.

Estruturas unitárias de base que sejam o embrião de uma frente estudantil de massas que possibilitem retirar, também nas escolas, a direcção dos processos à linha reformista de colaboração de classes.

Estruturas unitárias de base viradas não só para a intervenção no âmbito do ME mas igualmente para uma intervenção cultural e de organização da juventude estudantil em termos de ligação à luta das massas populares.

C) ORGANIZAR O MOVIMENTO ESTUDANTIL PARARESPONDERÀACTUAL SITUAÇÃO!

A integração do ME e das suas estruturas organizativas (comissões de curso e ano, associações de estudantes, etc.) na luta dos trabalhadores contra o fascismo e o capital não se restringe à luta contra a reconversão dos aparelhos escolares. Nesta medida o alinhamento dos estudantes com a luta dos trabalhadores passa também por:

— pelo apoio directo a lutas concretas dos trabalhadores;

— pelo combate à infor-

mação burguesa e pela divulgação das lutas dos explorados e oprimidos;

— pela satisfação de pedidos feitos às escolas ou às estruturas autónomas dos estudantes pelas massas populares, pelas suas estruturas (Comissões de Trabalhadores e de Moradores etc.).

— pela divulgação da cultura proletária, pelo combate à concepção do mundo, à ciência e aos valores burgueses.

— por lutar contra o colonialismo e o neo-colonialismo e o imperialismo e de apoio à luta dos povos de todo o mundo pelo fim da exploração do homem pelo homem.

Para tal é fundamental fortalecer a organização do Movimento Estudantil o que passa por combater as posições fascistas que ganha m eco em muitos liceus e as concepções oportunistas que reduzem a luta estudantil à mera defesa dos «interesses» dos estudantes.

Para tal é necessário erguer Associações de Estudantes fortes e operacionais, que baseando a sua acção na representatividade, unicidade, democraticidade, apartidarismo e arreligiosidade das estruturas estudantis, saibam combater o fascismo e o capitalismo desenvolvendo todo um trabalho cultural (criação de secções de cinema, teatro, etc.) e da criação

de uma imprensa estudantil progressista que possibilite o não isolamento do ME do movimento popular.

Mas, porque o reforço da luta exige o esforço organizativo do ME é fundamental:

— lutarmos pela criação de condições democráticas em muitas escolas (nomeadamente liceus).

— lutarmos pela criação de condições para o fortalecimento das direcções associativas e associações existentes pela superação das situações anómalas.

— lutarmos pela criação de uma estrutura nacional que represente as direcções das Associações de Estudantes e os estudantes portugueses o que passa pelo desmascaramento e dissolução da actual pró-UNEP (organismos fantoche e de cúpula) criando um Secretariado Nacional Provisório, com o objectivo de criar condições para a discussão a nível nacional sobre a forma de organização da futura UNEP e definição dos objectivos políticos da luta estudantil.

— lutarmos também pela reabertura da Rádio Estudantil e normalização da situação no Turismo Estudantil.

## INFORMAÇÃO MANIPULADA

## SÕ ESTUPEDEZ, OU TAMBÊM PROVOCACÃO?

Um grande título de 1.ª página no «Comércio do Porto» sobre o II Congresso Nacional do MES despertou-nos suficiente curiosidade para a leitura da notícia no interior.

Deparamos com uma pretensa descrição da conferencia de Imprensa do camarada Augusto Mateus sobre o Congresso. Ai, o «redactor» coloca na boca deste nosso camarada frases que ele, evidentemente, nunca disse, como as que a seguir se transcrevem:

Referiu-se a uma actuação significativa, ou seja, nos estatutos agora aprovados passa a figurar o Centralismo Democrático, em vez do Comité Central. Disse, ainda, que por motivos óbvios,

não seriam divulgados o número e os nomes dos elementos que passariam a constituir o Centralismo Democrático.

«Nós pensamos que devemos apontar, claramente, a necessidade da ultrapassagem da direcção que existe actualmente no Partido Comunista Portugues, ao nível de luta de massas, e que isso deve ser feito através de uma crítica, não só a nível de problemas concretos que se vão colocando, mas também, a nível de uma critica biológica».

«As forças que temos de combater até ao seu completo desbaratamento são os imperialismos americano e soviético e ainda, os fascistas e os sociais-fascistas do nosso

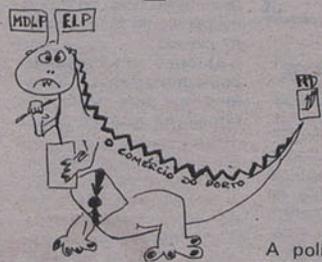
país. Contra estes inimigos juntar-nos-emos a todas as forças que os queiram combater».

Em relação às provocações estúpidas ou à estupidéz provocatória dos dois primeiros nacos de prosa, fica bem patente a imbecilidade do repórter, que evidentemente nunca ouviu falar em «centralismo democrático», confunde a necessidade da ultrapassagem do reformismo revisionista com a ultrapassagem da actual direcção do P.C.P. e não se deu conta de que o único ponto de convergência aqui existente entre biologia e ideologia é o facto de ele próprio ser ideologicamente reacţionário e biologicamente microcéfalo.

A gargalhada seria a nossa única resposta se «O Comércio do Porto» não fosse lido por alguns milhares de portugueses, diariamente enganados e gozados por «articulistas» e «repórteres» como este.

Mas o último parágrafo dos que acima transcrevemos é uma pura provocação destinada a misturar o MES com as posições reacţionárias dos fantoches da AOC e outros, devendo portanto ser claramente denunciada.

No último número do «Poder Popular», e a propósito do papel do hegegonismo soviético, o MES define claramente a sua posição, tomada em Congresso, a este respeito:



«A URSS, não podendo ser classificada como URSS caracteriza-se pelo hegegonismo, pela politica de grande potencia, disputando ao imperialismo norte-americano a partilha do mundo em zonas de influencia (...).»

A politica externa da URSS caracteriza-se pelo hegegonismo, pela politica de grande potencia, disputando ao imperialismo norte-americano, que ocupa o lugar de topo na hierarquia do sistema imperialista (...).

# Às ordens da Inquisição!

O ódio fascista às forças populares vem emergindo lentamente mas com firmeza.

Onde e quando ele se pode afirmar com clareza, tem mostrado sem peias a sua verdadeira face:

## Animalesca e implacável

É o caso do tratamento conferido aos militares revolucionários lançados nas prisões após o 25 de Novembro.

As intenções, a custo dominadas, de fusilamentos sumários nos pinhais de Cortegaça a que os oficiais pára-quadistas reaccionários queriam submeter os seus anteriores subordinados, ao amontoar dos revolucionários em aviões aos quais eram acorrentados como forçados, ou à humilhação de serem expostos como «aves raras» aos PIDES em Custóias por um original cicerone (o filho de um tenente-coronel ali detido por falsificação de cheques!), seguem-se as medidas burocrático-administrativas em curso.

A hierarquia militarista e fascista embaraçada com o fiasco do inquérito do 25 de Novembro no sentido de serem forçadas provas incriminatórias contra os revolucionários presos vê-se obrigada a ir lentamente libertando os seus reféns.

Mas não se fica por aí. Assim, os milicianos da Força Aérea libertados, são ilegalmente passados à disponibilidade, mas submetidos a residência fixa e às ordens da Inquisição militar (P. J. M.).

No Exército os polícias são mais astutos. Aqui os militares são colocados de licença registada sem vencimento e com residência fixa.

Sabe-se terem sido dadas instruções ao funcionamento público para não admitir militares sem documentação comprovativa da passagem à disponibilidade.

Para evitar desculpas tôlas, diremos que isto contraria a prática anteriormente seguida, visando



portanto claramente dificultar a situação dos progressistas em causa.

Também a lixura de métodos de averiguação não deixa de ser curiosa. Assim, os militares foram ouvidos como declarantes para evitar a presença de advogados nos interrogatórios, vindo a ser provavelmente incriminados com base nas próprias declarações prestadas como testemunhas.

Estes e outros sombrios meandros dos «puristas» do 25 de Abril hão-de ser revelados ao povo português que os saberá julgar.

Entretanto a opereta nacional enriquece com novas cores; dirigentes fascistas e liberais marcelistas dão aulas de política a militares (esta «revolução» está cada vez mais original!), o empenhamento das reservas de ouro é transformado em benévolos empréstimos dos bons amigos capitalistas, os comandos fazem piqueniques bélicos de intimidações nas cooperativas alentejanas...

Mas neste baile patriótico as banhas pluralistas não têm o mesmo compaço que a rigidez das botas fascistas e enquanto as valsas do poder são disputadas pelos diversos sectores da burguesia, os trabalhadores organizam-se para a resistência lançando as bases para a ofensiva que os libertará da exploração.

## Galvões de Melo Uma família unida...

O que é preciso é que a família seja unida e que actue em bloco...

Enquanto o general trata da política, o tenente-coronel e restante família ocupam-se dos negócios. E como é que o fazem?

...O comunicado da comissão de trabalhadores da MADEISUL, que adiante transcrevemos, dá uma ideia...

«Aos vinte e sete dias de Agosto de 1975, na firma MADEISUL em Faro, associada da Maiombe, encontrava-se em serviço o trabalhador Manuel Marques Ferreira, que foi selvaticamente agrado com matracas sendo protagonistas de tal acto tenente-coronel Artur Galvão de Melo seu irmão Manuel Galvão de Melo e mais dois sobrinhos destes, tendo a G. N. R. tomado conta da ocorrência. Estando o processo a decorrer no Tribunal de Faro, esperando os trabalhadores da MAIOMBE que os papéis não venham a amarelecer de velhos sem o julgamento dos agressores se efectuar.

«Na passada quinta-feira dia 12 do corrente, o ex-sócio-gerente da MAIOMBE José Galvão de Melo, fez-se transportar de moto, tendo cometido o crime de homicídio frustrado, sendo já do conhecimento público os factos ocorridos.

«A Polícia Judiciária tomou conta da ocorrência, todavia não nos consta que tenha sido efectuada a prisão dos bandoleiros.

«Mais uma vez vimos alertar as referidas entidades oficiais e exigir a prisão imediata do agressor José Galvão de Melo.

A Comissão de Trabalhadores»

## Águeda Vila Morena

Águeda vila morena  
terra muito industrial  
é ali quem mais ordena  
A força do capital

A força do capital  
é ali quem mais ordena  
Águeda vila Morena  
Terra muito industrial

Em cada esquina uma empresa  
Em cada empresa um tirano  
eles querem ter a certeza  
dos milhões ao fim do ano

Dos milhões ao fim do ano  
eles querem ter a certeza  
em cada esquina uma empresa  
em cada empresa um tirano

À sombra da ditadura  
de um Governo de ladrões  
Juraram escravatura  
a quem lhes ganha os milhões

A quem lhes ganha os milhões  
juraram escravatura  
À sombra da ditadura  
de um Governo de Ladrões

Um metalúrgico de Águeda

# BREVE

## «SOCIALISMO LUSIADA» PLANEIA-SE EM BRUXELAS?

Ramalho Eanes encontra-se em visita às instalações da NATO em Bruxelas. Esta visita revela-se, evidentemente, «de importante significado» para a evolução política portuguesa. Constitui sobretudo importante achega para se compreender cabalmente o significado do «socialismo lusiada» que este militar tão brilhantemente tem propagandeado.



## CONCEITOS DE INDEPENDÊNCIA NACIONAL...

Também Souto Cruz anda pela Europa, espreitando os laços (de dependência) com os países capitalistas e tentando sossegar os seus patrões imperialistas.

O chefe do Estado-Maior da Armada desculpou-se pelo «mau comportamento» dos trabalhadores portugueses, explicando que «a influência comunista se deve ao subdesenvolvimento económico e miséria das classes populares», razão por que aconselhou os seus amigos a prestarem ajuda económica.

Por outro lado gabou-se porque «apesar de muitas pressões, principalmente do PC, Portugal conseguiu manter-se na NATO».

Na mesma reunião, o gen. Haigh, comandante em chefe das forças da NATO, referiu-se com preocupação à participação do PC no Governo português afirmando, quanto aos outros Estados da Europa Ocidental: «não aceitarei a participação de tais partidos no Poder».

Nós perguntamos — para os defensores da continuação da participação de Portugal na NATO, Independência Nacional significa o que?



## UNIÕES... QUAIS? COMO?

Em entrevista à Prensa Latina, Joaquim Gomes, secretário do Comité Central do PCP, declarou:

«Neste momento assistimos em Portugal a uma ofensiva das forças reaccionárias e o nosso partido tem afirmado a necessidade da união dos elementos revolucionários do Movimento das Forças Armadas e do Conselho da Revolução para fazer frente a esta situação».

## Estamos servidos!

Estando os militares revolucionários presos ou afastados, estando quem está no Conselho da Revolução, em que raio de união pensa o dirigente do PCP?

— Se a luta anti-fascista se baseasse nisto em muito maus lençóis estariam os explorados deste país...



## BANHA DA COBRA.

A muitos malabarismos, (verbais e não só) recorrem os fascistas para enganar o Povo. Vejamos algumas teses, desenvolvidas pelo discípulo de Marcelo.

Num comício em Gaia, o Freitas afirmou: «a fonte de injustiças não é a existência de propriedade privada mas o facto de muitos não a terem. A solução não é tirá-la aos que a possuem, mas fazer com que todos a ela tenham acesso».

Oh Freitas, ora explique lá: se não se tira aos que a possuem, os muitos que a não tem ficam com acesso a que?

# PORTUGAL/ITÁLIA — a mesma luta

Caros camaradas:

Na impossibilidade de estarmos presentes aos trabalhos do vosso Congresso, como teria sido desejo nosso, enviamos os mais calorosos votos pelo bom sucesso dos vossos trabalhos.

As tarefas com que o vosso Congresso se defronta, desde a reflexão sobre o caminho percorrido pela experiência revolucionária portuguesa aberta no 25 de Abril de 1974, até à definição pontual de uma tática e de uma estratégia articuladas para a revolução proletária no vosso país, assumem grande importância para todos os revolucionários da Europa, conscientes de como Portugal representa actualmente um dos elos frágeis da cadeia imperialista no continente.

O derrube do regime fascista de Salazar, a 25 de Abril de 1974, representou um acontecimento de relevância histórica. Antes de mais nada porque entre os factores principais que determinaram a crise se encontram as heróicas lutas pela libertação dos povos das ex-colónias portuguesas da Guiné-Bissau, de Moçambique e de Angola. A criação de regimes populares nos dois primeiros destes países e o vitorioso avanço das forças populares do MPLA em Angola contra as forças fantoches imperialistas constituem hoje as premissas de um relançamento geral dos processos revolucionários em todo o continente africano, a começar pelo isolamento dos regimes racistas da África Austral como o da África do Sul e o da Rodésia.

Mas também em Portugal o 25 de Abril abriu uma fase de grandes desen-

voltamentos revolucionários, que o actual surto das forças conservadoras, reaccionárias e fascistas, não pode anular nem fazer esquecer. Portugal tem mostrado como a luta de classes pode penetrar profundamente no próprio interior das Forças Armadas, até ao ponto de paralisar por todo um período a sua função repressiva e antipopular, fazendo dos soldados e dos oficiais democráticos e revolucionários potenciais aliados do proletariado na sua luta anticapitalista.

Portugal mostrou que o crescimento dos processos revolucionários no continente europeu não é um facto linear, progressivo e indolor, mas que se realiza através de grandes saltos dialécticos que transformam radicalmente as relações de força entre as classes em luta. Assistimos deste modo, após cinquenta anos de ditadura fascista, a um crescimento impetuoso do movimento popular de luta e à progressiva ampliação da fundamental experiência que é o «poder popular», que, num período relativamente breve, conseguiu atingir níveis muito avançados, superiores aos que o Chile conheceu na época do Governo de Unidade Popular de Allende, embora não perfeitamente adequados à acuidade que o confronto de classes assumiu em Portugal.

Portugal revelou, abrindo os olhos a milhões de proletários de todos os países, o facto de não haver etiqueta mais ou menos «socialista» que possa esconder por muito tempo a real natureza de classe — conservadora, filopatronal, quando não reaccionária — de certas forças políticas como o Partido Socialista de

Mário Soares, subsidiado pelo imperialismo americano e pela CIA, canal das sociais-democracias dos diversos países da Europa. E mostrou como até forças inerentes ao movimento operário, como o Partido Comunista de Álvaro Cunhal, devido à concepção que têm do Estado e da relação com o movimento de massas, devido em suma ao carácter reformista da sua tática e da sua estratégia, acabam por desempenhar um papel subsidiário da burguesia e por enfraquecer a frente proletária.

Deste modo Portugal, não obstante as suas múltiplas peculiaridades e mau grado a originalidade do processo em marcha desde o 25 de Abril, e mau grado também as ilusões e as esperanças que criou de um rápido e pacífico êxito do processo revolucionário no sentido da criação de um poder proletário, confirmou nos factos um ensinamento fundamental que nos vem de toda a experiência do proletariado internacional e principalmente das grandes revoluções proletárias na URSS e na China, e que consiste na importância e necessidade de um partido realmente revolucionário e proletário, capaz de ser em todos os sentidos a direcção revolucionária de todo o proletariado e das massas populares, numa relação de unidade e de luta pela hegemonia nas componentes reformistas do movimento operário.

A exigência da construção deste partido, no vivo da luta de classes e na base dos ensinamentos que nos vêm do marxismo e do leninismo, unifica hoje a perspectiva de numerosas forças revolucionárias em toda a Europa,

e representa também para a nossa organização **Avanguarda Operária** uma das tarefas centrais que nos propomos para o avanço da revolução na Itália.

Em Portugal, vós soubestes desenvolver experiências preciosas sob este aspecto de importantes passos em frente a começar pelo reforço da unidade das diversas componentes revolucionárias que a formação da FUR representou; e, ao mesmo tempo, tivestes de medir-vos com todas as dificuldades desta enorme tarefa e com os limites

Da nossa parte queremos assegurar-vos a firme intenção de desenvolver o nosso internacionalismo proletário principalmente da prossecução da luta no nosso país contra o capitalismo e o imperialismo. Na Itália, milhões de operários e de proletários estão actualmente em luta para repelir um duro ataque do patronato, exasperado ainda pela fundura da crise económica, social, política e ideo-

Governo popular da esquerda, que abra caminho a uma mudança de regime através da derrota definitiva do principal partido histórico da burguesia italiana, a Democracia Cristã, e rumo ao poder proletário.

Também a importância dos processos históricos em curso nos nos-

**mensagem da Avanguarda Operária ao Congresso do MES**

respectivos países, e o carácter agudo que neles assume a confrontação de classes, contribuem assim para nos unir, para reforçar os nossos laços internacionalistas e de colaboração revolucionária, para nos considerarmos empenhados na única grande luta contra a exploração capitalista e o imperialismo. Ligadas estreitamente as nossas batalhas, o desenvolvimento do processo revolucionário em um dos nossos países irá profundamente condicionar o dos outros. É com a plena consciência disso que vos renovamos os nossos votos de trabalho profícuo.

**VIVA A REVOLUÇÃO PORTUGUESA!  
VIVA O  
INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO!**

O Secretariado Político Nacional da Organização Comunista

AVANGUARDIA OPERÁRIA

## Já vale outra vez a pena ser fascista...!

Continuação da pág. 4

Quando João Coito, ideólogo do fascismo, é redactor de um jornal («O Dia»), parece que não é preciso dizer mais nada.

No que diz respeito às grandes figuras do fascismo, é de ficar de boca aberta. Silva Cunha, ministro do Ultramar e da Defesa de Salazar e Caetano, é libertado, ao abrigo do pluralismo, pelo C. R., e tem a lata de, semanas depois, escrever ao mesmo lembrando que,

coitadinho! está desempregado, e tem medo de ser mal recebido se se mostrar demasiado.

Os ex-ministros do Interior Arnaldo Schulz e Moreira Baptista são soltos, por falta de provas!!! Coitadinhos, se calhar não sabem o que a Pide faz! E talvez nem souberem que eram ministros...! Quanto a este último, enquanto à cabeça da Direcção-Geral da Informação e Turismo, permitiu ou geriu a entrega fraudulenta de

cerca de cem mil contos para apoio vário ao Regime fascista, como se pode ler num inquérito há muito terminado, e metido numa gaveta.

Centenas de pides e informadores foram já soltos, enquanto os restantes estão certamente esperançosos de rápido regresso às suas patrióticas actividades...

Kaulza de Arriaga, autor de textos claramente racistas, censurados pelo próprio Governo de M. Caetano, responsável pe-

los massacres de Moçambique, é também libertado, e consta que se vai candidatar à Presidência da República (?). Maltez Soares, comandante da polícia de choque, conhecido pelo sádico empenhamento com que costumava reprimir manifestações antes do 25 de Abril, também sai. Na verdade é coerente com as missões ultimamente desempenhadas pela GNR e PSP. Com jeito arranja lá emprego.

Estes factos reflectem o ambiente que a pouco e pouco se está a criar, com sintomas claros de ir aumentar ainda mais. Chega-se ao ponto de ir buscar as estátuas e fotografias dos fachos, e repositas nos antigos lugares (estátua de Carmo no pátio da Polícia Militar, retrato do antigo director do «Diário de Notícias» na sede).

A última é a sentença de Valadão: autor de roubos no montante de 4000 contos, foi condenado a pagar 1200 contos de

muitas mais 200 de caução, saindo depois para gozar os restantes 2600... boa lição para a ladroagem, que aqui tem o exemplo a seguir.

Com um panorama destes, não admira que em Lisboa se recrutem mercenários para a F.N.L.A., o CDS faça comícios e os retornados se organizem a olhos vistos. Qualquer dia temos aí o Tomás, candidato à Presidência da República, livre por falta de provas, a mostrar a Gertrudes nas inaugurações...

# Principais etapas do bolchevismo

Reiniciamos neste número a publicação de textos do movimento operário internacional, pois compreender as coisas é um passo necessário para as poder transformar.

O objectivo da transcrição que a seguir se faz, um trecho de Lenine acerca das etapas da luta operária na Rússia czarista, é o de pôr bem patente que a luta revolucionária é um processo que se desenvolve com avanços e recuos, dialecticamente, e que as várias formas e fases de luta haverão de se encadear e constituir um todo, até à vitória final.

Assim, avancemos na preparação das condições que nos permitam transformar uma situação desfavorável numa situação nova e favorável!

De um lado o bolchevismo surgiu em 1903 fundamentado na mais sólida base da teoria do marxismo. E a justeza desta teoria revolucionária — e de nenhuma outra — foi demonstrada tanto pela experiência internacional de todo o século XIX como em particular, pela experiência dos desvios, vacilações, erros e desilusões do pensamento revolucionário na Rússia.

A Rússia tomou sua única teoria revolucionária justa, o marxismo, em meio século de torturas e sacrifícios extraordinários, de heroísmo revolucionário nunca visto, de incrível energia e abnegada pesquisa, de estudo, de experimentação na prática, de desilusões, de comprovação, de comparação com a experiência da Europa.

Por outro lado o bolchevismo, surgido sobre essa granítica base teórica, teve uma história prática de quinze anos (1903/1917) sem paralelo no mundo, em virtude da sua riqueza de experiências. Nenhum país, no decurso desses quinze anos, passou, nem ao menos aproximadamente, por uma experiência revolucionária tão rica, uma rapidez e uma variedade semelhantes na sucessão das diversas formas do movimento legal e ilegal, pacífico e tumultuoso, clandestino e declarado, de propaganda nos círculos e entre as massas, parlamentar e terrorista. Em nenhum país esteve concentrada, em tão curto espaço de tempo, semelhante variedade de formas, de matizes, de métodos de luta de todas as classes da sociedade contemporânea.

## AS PRINCIPAIS ETAPAS DA HISTÓRIA DO BOLCHEVISMO

### ANOS DE PREPARAÇÃO DA REVOLUÇÃO (1903/1905)

Previdência de grande tempestade em toda parte, fermentação e preparativos em todas as classes. No estrangeiro a imprensa dos emigrados expõe teoricamente todas as questões essenciais da revolução. Com uma luta encarniçada

de concepções programáticas e táticas, os representantes das três classes fundamentais, das três correntes políticas principais — a liberal-burguesa, a democrático-pequeno-burguesa (encoberta pelos rótulos de «social-democracia» e «social-revolucionária») e a proletária revolucionária — prenunciam e preparam a futura luta aberta de classes. Todas as questões que motivaram a luta armada das massas em 1905/1907 e em 1917/1920 podem (e devem) ser encontradas, em forma embrionária, na imprensa daquela época. Naturalmente, entre estas três tendências principais existem todas as formações intermediárias, transitórias, híbridas que se queira. Em termos mais exactos: na luta entre os órgãos da imprensa, os partidos, as fracções e os grupos, vão-se cristalizando as tendências ideológicas e políticas com carácter realmente de classes; cada uma das classes forja para si uma arma ideológica e política para as batalhas futuras.

### ANOS DE REVOLUÇÃO (1905/1907)

Todas as classes agem abertamente. Todas as concepções programáticas e táticas são comprovadas através da acção das massas. Luta grevista sem precedentes no mundo inteiro pela sua amplitude e dureza. Transformação da greve económica em greve política e da greve política em insurreição. Comprovação prática das relações existentes entre o proletariado dirigente e os camponeses dirigidos, vacilantes e instáveis. Nascimento, no processo espontâneo da luta, da forma soviética de organização. As discussões de então sobre o papel dos Sovietes são uma antecipa-ção da grande luta de 1917/1920. A sucessão das formas de luta parlamentares e não parlamentares, da tática de boicote do parlamentarismo e de participação no mesmo e das formas legais e ilegais de luta, assim como as suas relações recíprocas e as ligações existentes entre

elas, distinguem-se por uma assombrosa riqueza de conteúdo. Do ponto de vista da aprendizagem dos fundamentos da ciência política — pelas massas e chefes, pelas massas e partidos — cada mês desse período equivale a um ano de desenvolvimento «pacífico» e «constitucional». Sem o «ensaio geral» de 1905, a vitória da Revolução de Outubro de 1917 teria sido impossível.

### ANOS DE REACÇÃO (1907/1910)

O czarismo triunfou. Foram esmagados todos os partidos revolucionários e de oposição. Desânimo, desmoralização, ciúses, dispersão, deserções, pornografia em vez de política. Fortalecimento da tendência para o idealismo filosófico, misticismo como disfarce de um estado de espírito contra-revolucionário. Todavia, ao mesmo tempo, justamente essa grande derrota dá aos partidos revolucionários e à classe revolucionária uma verdadeira lição extremamente proveitosa, uma lição de dialéctica histórica, de compreensão, de destreza e arte na direcção da luta política. Os amigos conhecem-se na desgraça. Os exércitos derrotados passam por uma boa escola.

O czarismo vitorioso vê-se obrigado a destruir apressadamente os remanescentes do regime pré-bruguês e patriarcal na Rússia. O desenvolvimento burguês do país progride com notável rapidez. As ilusões à margem e acima das classes, as ilusões sobre a possibilidade de evitar o capitalismo dissipam-se. A luta de classes manifesta-se de modo absolutamente novo e com maior relevo.

Os partidos revolucionários têm de completar a sua instrução. Aprenderam a desencadear a ofensiva. Agora têm que compreender que essa ciência deve ser completada pela de saber recuar ordenadamente. É preciso compreender — e a classe revolucionária aprende a compreendê-lo através da sua própria e amarga experiência — que não se pode triunfar sem saber atacar e emprender a retirada com ordem. De todos os partidos revolucionários e de oposição derrotados, foram os bolcheviques que recuaram com maior ordem, com menores perdas para o seu «exército», conservando melhor o seu núcleo central com ciúses menos profundas e irreparáveis, menos desmoralização e com maior ca-

pacidade para reiniciar a acção de modo mais amplo, certo e vigoroso. E se os bolcheviques conseguiram tal resultado foi exclusivamente porque desmascararam impiedosamente e expulsaram os revolucionários de boca, obstinados em não compreender que é necessário recuar, que é preciso saber recuar, que é obrigatório aprender a actuar legalmente nos mais reaccionários parlamentos e nas organizações sindicais, cooperativas, nas organizações de socorros mútuos e outras semelhantes, por mais reaccionárias que sejam.

### ANOS DE ASCENSÃO (1910/1914)

A princípio, a ascensão foi de uma lentidão incrível; em seguida, em 1912, verificou-se com rapidez um pouco maior. Vencendo dificuldades inauditas, os bolcheviques eliminaram os mencheviques, cujo papel como agentes da burguesia no movimento operário foi admiravelmente compreendido depois de 1905 por toda a burguesia e aos quais, por isso mesmo, ela apoiava de mil maneiras contra os bolchevi-

pacistas. Os imbecis sabichões e as velhas comadres da II Internacional, que franziam o cenho como desdém e arrogância ante a abundância de «fracções» no socialismo russo e ante a luta encarniçada que havia entre elas, foram incapazes, quando a guerra suprimiu em todos os países adiantados a tão alardeada «legalidade», de organizar, ainda que apenas aproximadamente, um intercâmbio livre (ilegal) de ideias e uma elaboração livre (ilegal) de concepções justas, como os revolucionários russos organizaram na Suíça e em outros países. Precisamente por isso tanto os social-patriotas declarados como os «kautskistas» de todos os países revelaram-se os piores traidores do proletariado. E se o bolchevismo foi capaz de triunfar em 1917/1920, uma das causas fundamentais dessa vitória consiste em que desmascarou impiedosamente, já desde fins de 1914, a vileza, a infâmia e a abjecção do social-chauvinismo e do «kautskismo», e em que as massas se foram convencendo cada vez mais, por experiência própria, de que as con-

Soviets surgiram na Rússia em 1905, foram falsificados em Fevereiro-Outubro de 1917 pelos mencheviques — que fracassaram por não haver compreendido o papel e a importância dos Sovietes — e hoje surgiu no mundo inteiro a ideia do Poder Soviético, ideia que se difunde com inusitada rapidez entre o proletariado de todos os países. Enquanto isso, os antigos heróis da II Internacional fracassam em toda a parte, por não terem sabido compreender, do mesmo modo que os nossos mencheviques, o papel e a importância dos Sovietes. A experiência demonstrou que, em algumas questões essenciais da revolução proletária, todos os países passarão, inevitavelmente, por onde a Rússia passou.

Contrariamente às opiniões que não raro se expendem agora na Europa e na América, os bolcheviques começaram com muita prudência e não prepararam de modo algum com facilidade a sua vitoriosa luta contra a república burguesa parlamentar (de facto) e contra os mencheviques. No início do período citado não incitamos à derrocada do Governo, e as-



ques. Mas estes nunca teriam conseguido e eliminar os mencheviques, se não ouvessem aplicado a tática justa, combinando o trabalho ilegal com a utilização obrigatória das «possibilidades legais».

### PRIMEIRA GUERRA IMPERIALISTA MUNDIAL (1914/1917)

O parlamentarismo legal, com um «parlamento» ultra-reaccionário, presta os mais úteis serviços ao partido do proletariado revolucionário, aos bolcheviques. Os deputados bolcheviques são deportados para a Sibéria. Na imprensa dos emigrados encontram a sua mais plena expressão todos os matizes das concepções do social-imperialismo, do social-chauvinismo, do social-patriotismo, do internacionalismo inconsequente e do consequente, do pacifismo e da negação revolucionária das ilusões

dos bolcheviques eram justas.

### SEGUNDA REVOLUÇÃO RUSSA (Fevereiro-Outubro DE 1917)

O incrível grau de decrepitude e caducidade do czarismo criou contra ele (com ajuda dos reverses e sofrimentos de uma guerra infinitamente penosa) uma tremenda força destruidora. Em poucos dias, a Rússia converteu-se numa república burguesa democrática mais livre (nas condições da guerra) que qualquer outro país.

Se todos os heróis da II Internacional fracassaram e se cobriram de opróbio na questão do papel e da importância dos Sovietes e do Poder Soviético, também é verdade que já vimos tudo isso no exemplo dos mencheviques. A História fez esse gracejo: os

sim explicamos a impossibilidade de fazê-lo sem modificar previamente a composição e o estado de espírito dos Sovietes. Não declaramos o boicote ao parlamento burguês, à Constituinte, mas, pelo contrário, dissemos — e a partir da Conferência do nosso Partido, celebrada em Abril de 1917, passamos a dizê-lo oficialmente em nome do Partido — que uma república burguesa com uma Constituinte era preferível à mesma república sem Constituinte, mas que a república «operária-camponesa» soviética é melhor que qualquer república democrático-burguesa, parlamentar. Sem esta preparação prudente, minuciosa, sensata e prolongada não teríamos podido alcançar nem manter a vitória de Outubro de 1917.

LENINE — «O esquerdismo, doença infantil do comunismo», 1920.

# VIVA A REPUBLICA POPULAR DE ANGOLA!

Lisboa, 23 de Fevereiro de 1976

Ao camarada Lúcio Lara  
Secretário-geral do MPLA  
Luanda

No momento em que o Governo da República Popular de Angola, constituído pelo MPLA, vanguarda revolucionária do povo angolano, afirma a sua plena soberania sobre todo o território, levando a cabo, vitoriosamente, a 2.ª guerra de libertação nacional contra a agressão imperialista, todos os militantes do Movimento de Esquerda Socialista, através do seu Comité Central, saúdam calorosamente o único movimento de libertação de Angola, os combatentes das gloriosas FAPLA e todo o povo angolano.

Para nós, que fizemos da luta contra o colonialismo, o neocolonialismo e o imperialismo uma componente fundamental da nossa prática política; para nós, que acompanhámos e apoiámos dia-a-dia, desde muito antes do 25 de Abril, nos bons e nos maus momentos, a luta heróica conduzida pelo MPLA; para nós, que sempre enalteceamos a contribuição decisiva da luta dos povos colonizados para o derrube do fascismo em Portugal; para nós, que constantemente procurámos denunciar, depois do 25 de Abril, as complicitades do poder político-militar em Portugal — em todos os momentos e a todos os níveis — com os inimigos do povo angolano; para nós, que temos lutado no nosso país, pela organização do Poder Popular, como instrumento fundamental da luta das classes trabalhadoras para a revolução socialista; para nós, que fazemos do internacionalismo militante um imperativo histórico da luta dos explorados e oprimidos de todo o mundo — a vitória do MPLA é também um pouco a nossa vitória.

Efectivamente, essa vitória constitui uma enorme derrota para as forças coligadas do imperialismo, do racismo, do neocolonialismo, e por isso também uma enorme derrota para as forças suas aliadas que hoje detem o poder político-militar em Portugal.

Até ao último momento, essas forças tudo fizeram para sabotar a luta do povo angolano, mostrando um grau de identificação com os interesses imperialistas que mostra com toda a clareza a verdadeira natureza do poder hoje instalado no nosso país. É contra essas forças, que hoje procuram destruir as conquistas dos trabalhadores e as organizações populares, que lutam os revolucionários portugueses. A vitória do MPLA, ao obrigar essas forças ao reconhecimento da RPA, é mais uma contribuição para a luta que as classes trabalhadoras estão a travar pela sua libertação.

Neste momento, escorraçados os exércitos imperialistas e os seus partidos fantoches, e consagrada assim a grande vitória arrancada ao longo de duas sangrentas guerras de libertação, o povo angolano tem diante de si as grandiosas tarefas de reconstrução nacional. Temperado por 15 anos de luta heróica, e organizado nas estruturas do Poder Popular, estamos certos que novas vitórias irá conquistar nesta nova fase do seu combate pela democracia, pelo socialismo, pela independência nacional e por uma nova sociedade onde sejam extirpadas as relações de dominação e de exploração. Assim fazendo, o povo angolano, conduzido pelo MPLA, continuará a dar novos contributos para a luta de libertação universal dos explorados e oprimidos.

Saudações revolucionárias.

Em Portugal, como em Angola,

A LUTA CONTINUA

A VITÓRIA É CERTA

O COMITÉ CENTRAL DO MES

# Beja organiza Resistência Popular

Comunicado conjunto do M.E.S., P.R.P. e U.D.P

**1. O falhanço da experiência reformista e o avanço da ofensiva fascista.**

Ao fim de quase dois anos de reformas que nunca arrancaram pela raiz as bases políticas e económicas do fascismo, do grande capital e da dominação imperialista sobre o nosso país, a burguesia concluiu que a única forma de esmagar as grandes conquistas populares — a libertação dos presos políticos em 26 de Abril de 1974, a descolonização, as nacionalizações, a Reforma Agrária, o controle operário, etc. — é o regresso do fascismo. O 25 de Novembro foi o primeiro grande golpe vitorioso do fascismo e de toda a direita reacção e da social-democracia que abriu caminho à rápida preparação do golpe à Pinochet com que os reacçãoários pretendem afogar em sangue as conquistas dos trabalhadores.

**2. Qual é o programa de restauração do fascismo?**

Para preparar novamente no nosso país o terreno à feroz ditadura fascista o Governo da burguesia lança mão de uma série de medidas contrarrevolucionárias, com a intenção de esmagar o movimento popular:

— A prisão de antifascistas e revolucionários do 25 de Abril (como Otelo Saraiya de Carvalho), ao mesmo tempo que se libertam os grandes cabecilhas do fascismo e da guerra colonial (Kaulza de Arriaga, Silva Cunha, Moreira Batista, Ramiro Valadão e muitos outros), além de centenas de pides, entre os quais os de Beja, que já passeiam impunemente pela cidade.

— A repressão a tiro pela GNR e Polícia de Choque sobre manifestações populares, causando já quase uma dezena de mortos, entre os quais os de Beja, que já passeiam impunemente pela cidade.

— O saneamento dos progressistas do aparelho de Estado e sua substituição por reacçãoários, alguns dos quais já bem nossos conhecidos do tempo do fascismo;

— Ataque aos órgãos de Informação progressistas (caso do R.R. e República) e saneamento de mais de uma centena de jornalistas, indo para os seus lugares

reacçãoários como o famigerado sabugo de Salazar e Caetano, João Coito;

— Congelamento dos salários e aumento desenfreado dos preços;

— Tentativa de desmantelamento do controle operário, acompanhado pelo regresso dos patrões que tinham abandonado as empresas ou sido corridos pelos trabalhadores.

**3. O fascismo ataca também no Alentejo**

Conhecendo a firmeza das massas trabalhadoras no Alentejo, o fascismo tem atacado aqui com cuidado, mas começa já a dar passos seguros.

— Assistimos ao desencadear do ataque à Reforma Agrária, bem expresso na declaração governamental de que os antigos proprietários têm o direito de reservas de terras correspondentes a 50 mil pontos.

— Os Comandos de Jaime Neves descem de helicóptero na zona de Cuba, numa clara manobra de intimidação, enquanto a GNR se passeia por Serpa, com grande aparato, tendo recebido a justa resposta da população.

— É nomeado um novo governador civil, que não esconde os seus propósitos de servir o avanço da direita reacçãoária.

— Os tribunais lançam

as primeiras ordens de despejo, contra ocupações levadas a cabo por moradores.

**4. É agora a vez do subdelegado do Ministério do Trabalho em Beja ser saneado**

O ministro do Trabalho deu ordem de transferência para Lisboa do conhecido defensor dos trabalhadores do nosso distrito, o subdelegado Pegado. Os ministros do capital estão dispostos a transformar de novo o M.T. no Ministério das Corporações de Salazar e Caetano. Por isso não podem permitir que continue à frente da Delegação de Beja um homem como Pegado, que sempre se pôs ao lado dos trabalhadores em jornadas de luta, como a da BA 11 e da greve da construção de Beja. É natural que um homem destes tenha ganho a estima dos explorados e oprimidos deste distrito e o ódio dos inimigos do Povo.

**5. Mas Pegado não sairá, o fascismo não passará!**

O MES, o PRP e a UDP, partidos revolucionários que lutam pela destruição total do fascismo e do capitalismo e pela instauração de uma sociedade nova em que sejam os trabalhadores a tudo controlar, apelam para que todos os trabalhadores da cidade e do cam-

po se unam e se levantem contra o saneamento de Pegado.

O MES, o PRP e a UDP apoiam a manifestação convocada pelo Comité de Luta (formado por C.T.S., C.M.S., cooperativas agrícolas, industriais e de consumo, delegados sindicais e alguns sindicatos) para Beja, terça-feira, dia 24 às 16 horas.

Pensamos que os Partidos de esquerda devem servir para unir os trabalhadores e não para os dividir, e por isso apelamos a todos os antifascistas e revolucionários, independentemente da sua filiação partidária, para que participem nesta importante jornada de luta contra o avanço do fascismo.

**Pegado não sairá, o fascismo não passará!  
Contra o fascismo unida a população!**

**Operários e camponeses unidos venceremos!**

**Liberdade para Otelo e todos os antifascistas presos!**

**Direcção da Organização Regional do Baixo Alentejo do MES**

**Comité local de Beja do PRP**

**Comissão distrital de Beja da UDP**

## UNIDADE CAMPONESA

10/2776 Mês de Fevereiro 1976

«Poder Popular» saúda o aparecimento do novo jornal, «UNIDADE CAMPONESA».

Como diz no seu editorial, este jornal aparece numa altura em que as conquistas dos trabalhadores dos campos e em especial a Reforma Agrária estão ameaçadas pelo avanço do fascismo.

No seu combate à Informação reacçãoária, UNIDADE CAMPONESA propõe-se ser um jornal que divulgue e apoie as lutas camponesas, contribuindo para a organização dos trabalhadores rurais e pela sua unidade com os trabalhadores da cidade.

**Reforma Agrária no Distrito de Setúbal**

11 de Março de 1976



**Todo o nosso apoio à imprensa popular!  
Viva o UNIDADE CAMPONESA.**